

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo investigar se a terapia de casal possui algum papel a desempenhar no tratamento e na prevenção da violência quando ela ocorre de forma recorrente no casal. Para isso foram entrevistados quatro psicólogos, terapeutas de família e casal, formados por quatro diferentes instituições de especialização nessa área, que atenderam casais em situação de violência em seus consultórios particulares e/ou em instituições na cidade do Rio de Janeiro.

A partir das entrevistas emergiram cinco categorias de análise: Compreensão sobre a dinâmica da violência; Fatores associados à emergência da violência; A questão do enquadre terapêutico; O problema de identificação dos diversos tipos de violência; Recursos disponíveis para o trabalho com violência.

Todos os terapeutas entrevistados apresentaram uma concepção acerca da violência que transcende uma compreensão maniqueísta sobre a sua dinâmica, compreensão essa que procura sempre identificar o agressor e a vítima para, em seguida, priorizar a responsabilização do autor por seus atos violentos.

Ao tratarem casais em situação de violência, os profissionais entrevistados preferiram adotar, como sugere Méndez (1995), um pensamento que possibilita compreender a problemática como um quebra-cabeça em que cada membro do casal contribui com algumas peças para formar a figura. Este pensamento é derivado da perspectiva sistêmica, que traça um paralelo entre a maneira como os diversos agrupamentos humanos interagem e se comportam com o funcionamento dos sistemas de compostos químicos. Dessa forma o casal é considerado um sistema, que apresenta um funcionamento idiossincrático a partir da interação entre seus membros. A violência surgiria então como um produto da reação resultante desta interação.

As entrevistas revelaram que a maioria dos terapeutas estabelece uma associação estreita entre a história dos membros do casal em sua família de origem com as situações de violência vivida por eles no âmbito de suas relações íntimas. A convivência nessas famílias, onde a violência já se fazia presente,

estabeleceu as condições emocionais que facilitam o enredamento em circuitos mutuamente alimentados de violência, o que se configuraria como mais uma das peças do quebra-cabeça que cada membro do casal traria como contribuição para manutenção da problemática.

Os terapeutas também apontaram as dificuldades em se identificar os diversos tipos de violência. Esta constatação está de acordo com a percepção de Ravazzola (2005) sobre as famílias onde ocorrem abusos de toda ordem. Nesses contextos todos os membros da família sofrem o que a autora denominou de efeitos anestésicos, que coíbe a autonomia de pensamento e manifestações de revolta.

É crucial, segundo a percepção dos profissionais, o estabelecimento de um enquadre terapêutico que vise à construção de um contexto onde a violência não seja reproduzida durante o tratamento. O espaço onde as consultas serão realizadas, a quantidade de terapeutas envolvidos e o contrato terapêutico são elementos fundamentais nesse processo. Eles deverão ser definidos e articulados entre si, de forma a facilitar o diagnóstico da violência, a identificação dos diferentes tipos de violência, da co-responsabilidade por sua manutenção e dos temas que não são debatidos por conta de sua interferência e que se encontram no cerne do conflito no casal.

Entre os recursos complementares à disposição dos terapeutas, a utilização do Genograma se destacou. A aplicação deste instrumento possibilita aos membros do casal reconhecer padrões de condutas que foram herdados de sua convivência com genitores que, por sua vez, já reproduziam comportamentos violentos em suas relações familiares. Este processo é visto pelos profissionais entrevistados como essencial para o tratamento.

Três temas relacionados ao tratamento de casais em situação de violência não puderam ser aprofundados nas entrevistas e requerem uma nova investigação:

As questões de natureza ética suscitadas pelo trabalho com violência. O terapeuta pode, por exemplo, se ver às voltas com o dilema de romper ou não com o compromisso de sigilo terapêutico, pois avalia que, a rigor, seria importante denunciar aos órgãos competentes, o membro do casal que representa uma real ameaça à segurança do companheiro.

O impacto que o trabalho com a violência causa nos profissionais. O sucesso do tratamento pode estar vinculado à capacidade de os terapeutas expressarem o mal-estar causado pelas agressões descritas ou manifestadas pelo casal durante os atendimentos. Isso deveria incitá-los a refletir sobre sua postura diante da violência.

Por fim, como os terapeutas classificam os diferentes tipos de relações violentas e qual a influência que esta classificação exerce sobre o manejo dos casos.

Quanto as limitações da terapia em conjunto para o tratamento de casais em situação de violência, se pode afirmar que essas não se referem as propriedades do dispositivo propriamente dito. Determinados casos, aqueles em que a violência se manifesta de forma aguda, podem exigir que os atendimentos sejam realizados por mais de um profissional e, até mesmo, dentro de uma instituição. Isto poderia inviabilizar o tratamento por razões econômicas ou de indisponibilidade de outros espaços que não os dos consultórios particulares.

No mais, o que se percebe através das entrevistas, é que os terapeutas consideram a terapia de casal apropriada, mais do que isso, um importante recurso no tratamento e na prevenção da violência quando ela ocorre de forma recorrente no casal.